



**A CARTOGRAFIA SENSÍVEL DE RE-PERCURSOS COMO MODO DE
INCIDÊNCIA POÉTICO-POLÍTICA NAS PERCEPÇÕES DA PRAÇA SANTOS
ANDRADE EM CURITIBA (PR)**

**LA CARTOGRAFÍA SENSIBLE DE RE-PERCURSOS COMO UN MODO DE
INCIDENCIA POÉTICO-POLÍTICA EN LAS PERCEPCIONES DE LA PLAZA
SANTOS ANDRADE EN CURITIBA (PR)**

**THE SENSITIVE CARTOGRAPHY OF RE-PERCURSOS AS A
POETIC-POLITICAL APPROACH IN THE PERCEPTIONS OF VERSIONS OF
SANTOS ANDRADE SQUARE IN CURITIBA (PR)**

Michele Louise Schiocchet¹

<https://orcid.org/0000-0002-1181-1883>

Milene Duenha²

<https://orcid.org/0000-0002-2316-0408>

Paloma Bianchi³

<https://orcid.org/0000-0003-2983-0465>

Giorgio Zimann Gislon⁴

<https://orcid.org/0000-0003-3744-5305>

RESUMO

RE-PERCURSOS propõe a performance como ato contínuo de criação de paisagens. Buscamos, através de proposições performativas, dialogar com questões sociopolíticas e ambientais utilizando a cartografia como meio e produto da investigação. O artigo trata do processo de criação de RE-PERCURSOS, um *audiotour* de base documental, criado a partir de encontros semanais na Praça Santos Andrade, em Curitiba. Nesta proposta, o movimento do corpo é ativador de experiências produzidas por encontros relacionais que

¹ Docente do curso de Licenciatura em Artes da Universidade Federal do Paraná – Setor Litoral, Pesquisadora em estágio de pós-doutorado no Programa de Pós-Graduação em Artes (Artes Visuais), da Escola de Belas Artes/UFMG.

² Docente no curso de Licenciatura em Dança da Universidade Estadual do Paraná (UNESPAR).

³ Docente no curso de Bacharelado em Dança da Universidade Estadual do Paraná (UNESPAR).

⁴ Docente no Departamento de Artes Cênicas da Universidade Federal da Paraíba. Pesquisador em estágio de pós-doutorado financiado pelo CNPq no Programa de Pós-Graduação em Artes Cênicas da Universidade do Estado de Santa Catarina.

triangulam experiência subjetiva pessoal, com vestígios encontrados no palimpsesto urbano. A proposição-convite se torna ativadora de relações em uma malha na qual diferentes agentes não apenas percebem, mas produzem paisagens.

Palavras-chave: *audiotour*, performance, site-specific, arte e política.

RESUMEN

RE-PERCURSOS es un trabajo de investigación que propone la performance como un acto continuo de creación de paisajes. Buscamos, a través de propuestas performativas, dialogar con problemáticas sociopolíticas y ambientales utilizando la cartografía como medio y producto de investigación. El artículo aborda el proceso de creación de RE-PERCURSOS, un audioguía de base documental, creado a partir de encuentros semanales en la Praça Santos Andrade, en Curitiba. En esta propuesta, el movimiento corporal activa experiencias producidas por encuentros relacionales que triangulan la experiencia subjetiva personal con los rastros encontrados en el palimpsesto urbano. La invitación-proposición se convierte en un activador de relaciones en una red en la que diferentes agentes no sólo perciben, sino que producen paisajes.

Palabras clave: *audiotour*, performance, site-specific, arte y política.

ABSTRACT

RE-PERCURSOS proposes performance as a continuous act of creating landscapes. We seek, through performative propositions, to engage in dialogue with sociopolitical and environmental issues using cartography as a means and product of investigation. The article deals with the creative process of RE-PERCURSOS, a documentary-based audio tour, created from weekly meetings at Praça Santos Andrade, in Curitiba. In this proposal, the movement of the body activates experiences produced by relational encounters that triangulate personal subjective experience with traces found in the urban palimpsest. The invitation-proposition becomes an activator of relationships in a network in which different agents not only perceive, but also produce landscapes.

Keywords: *audiotour*, performance, site-specific, art and politics.

RE-PERCURSOS pode ser um anti-monumento invisível, uma experiência íntima compartilhada ou um encontro com diferentes camadas que se move em um desenho que muda o tempo todo e do qual fazemos parte. Como muda um mesmo lugar quando mudamos a forma de percebê-lo, de ativar suas histórias ou de caminhar por esse espaço? Propomos um mergulho poético-político na cidade, criando paisagens e convidando o público a se implicar na produção de outras realidades.

O trabalho é fruto da parceria entre o projeto Performance como Pesquisa (UFPR-Litoral) coordenado por Michele Louise Schiocchet, o Projeto de extensão CPP_Implicações (UNESPAR) coordenado por Milene Duenha e, a época, co-coordenado por Paloma Bianchi, e o coletivo Mapas e Hipertextos. Participaram também da pesquisa e da criação Bruna Danyella Moraes Delfino Silva,

Giorgio Gislou, Paloma Bianchi e Rafael Mesquita Neves, pessoas da comunidade e outros profissionais das artes que colaboraram pontualmente.

Buscamos, através de proposições performativas, dialogar com questões sociopolíticas e ambientais da atualidade e relacionar presencialidade e mediação no processo de criação artística, utilizando a cartografia como meio e produto da investigação. Benites (2016, p. 307) pontua na obra de Ingold a “indissociabilidade entre habitar o mundo, mover-se nele e a forma de vir a conhecê-lo”. Ecoamos esta compreensão sugerindo que as cidades são ambientes dinâmicos que se configuram como referência e resultado de práticas espaciais.

Em etapas anteriores dessa pesquisa coletiva, focamos em notícias relacionadas à política brasileira em projetos como Amarrações para um pequeno Brasil e Rituais íntimos partilháveis. A atual fase desta pesquisa expande as noções de cotidiano, cultura e sociedade para incorporar elementos não humanos e dinâmicas espaço-temporais mais dilatadas. Estes estudos já se desdobraram em diversos subprojetos através de cartografias sensíveis e arquivos performativos, sendo a obra artística tanto meio quanto produto da investigação.

Nossa proposta tem o movimento do corpo como principal ativador de percursos produzidos por encontros relacionais e efêmeros que costuram percepções na intersecção entre experiência subjetiva pessoal, vestígios encontrados no palimpsesto urbano e proposições-convites em formato de faixas de áudio. Deste modo, mesmo que o áudio pré-exista à experiência, a relação de sentido produzida pelo contexto do corpo no ambiente faz emergir percepções singulares. A proposição-convite se torna ativadora de relações em uma malha na qual diferentes agentes não apenas percebem, mas produzem paisagens.

Há algo em comum, Lefebvre nota, entre o modo como as palavras são inscritas numa página de texto e o modo como os movimentos e ritmos da atividade humana e não humana são registrados no espaço vivido. Mas isso apenas se pensarmos a escrita não como uma composição verbal, mas como uma malha de linhas – não como texto, mas como textura. “A atividade prática escreve na natureza”, nota ele, “com uma mão que rabisca” (Lefebvre, 1991, p. 117). Pense nas trilhas reticulares deixadas por pessoas e animais à medida que eles seguem sua vida na casa, vila e cidade. Capturado nesses múltiplos emaranhados, cada monumento ou prédio é mais “arqui-textural” que arquitetônico. Apesar de sua aparente permanência e solidez, eles também têm uma eceidade que é sucessivamente experimentada nos panoramas, oclusões e transições que se desenrolam ao longo da miríade de caminhos tomados pelos habitantes, de um cômodo a outro, saindo e entrando de portas, no ritmo dos seus afazeres quotidianos. (Ingold, 2012, p. 39-40)

A pesquisa resultou em um *audiotour* denominado RE-PERCURSOS, composto pelas faixas de áudio *Paisagem*, *Perpendicular*, *Araucária*, *Vértebra* e *Quedas*. A pessoa participante deve ir até a Praça Santos Andrade, em Curitiba, com um dispositivo com acesso à internet, como um *smartphone*, e trazer também fones de ouvido. Uma vez na praça a pessoa se conecta a um [website](#) no qual são disponíveis as cinco faixas de áudio e uma pequena sinopse para cada uma delas de modo a que possa escolher um percurso que servirá de guia-convite para experienciar a praça movendo-se a partir das

proposições temáticas e sugestões de cada áudio.

RE-PERCURSOS foi concebido para ser experienciado sem a necessidade da co-presença das artistas-criadoras(es), pois as funções de performer e de público se fundem, para priorizar a experiência do próprio público em detrimento da contemplação de alguma ação cênica construída por atores. Não há, portanto, uma espetacularidade que estabeleça posições de artista e de público.



Fonte: acervo do grupo Mapas e Hipertextos

Desenvolvemos o *tour* a partir de encontros semanais durante o primeiro semestre de 2023, testando procedimentos artísticos que possibilitassem tanto a descoberta constante de aspectos da praça (cartografia sensível), quanto a criação de proposições-convites. A cartografia é uma referência para essa abordagem como em Passos, Kastrup e Escóssia (2014), mas buscamos desenvolver uma ideia de cartografia sensível que considera a possibilidade de mapear como os corpos são afetados e afetam o meio no ato de mapeamento. A cartografia sensível é um termo que já é amplamente utilizado, mas que propomos na nossa pesquisa partindo da premissa de que não existe uma realidade do espaço a priori ou alheia ao ato de investigá-lo, e entendemos que a paisagem se constitui a partir de uma malha na qual diferentes agentes ocorrem em correspondência (Ingold, 2013) ao longo de uma trajetória-linha no tempo, como explicita Santos (2022, p. 33), a propósito da terceira fase do trabalho de Ingold:

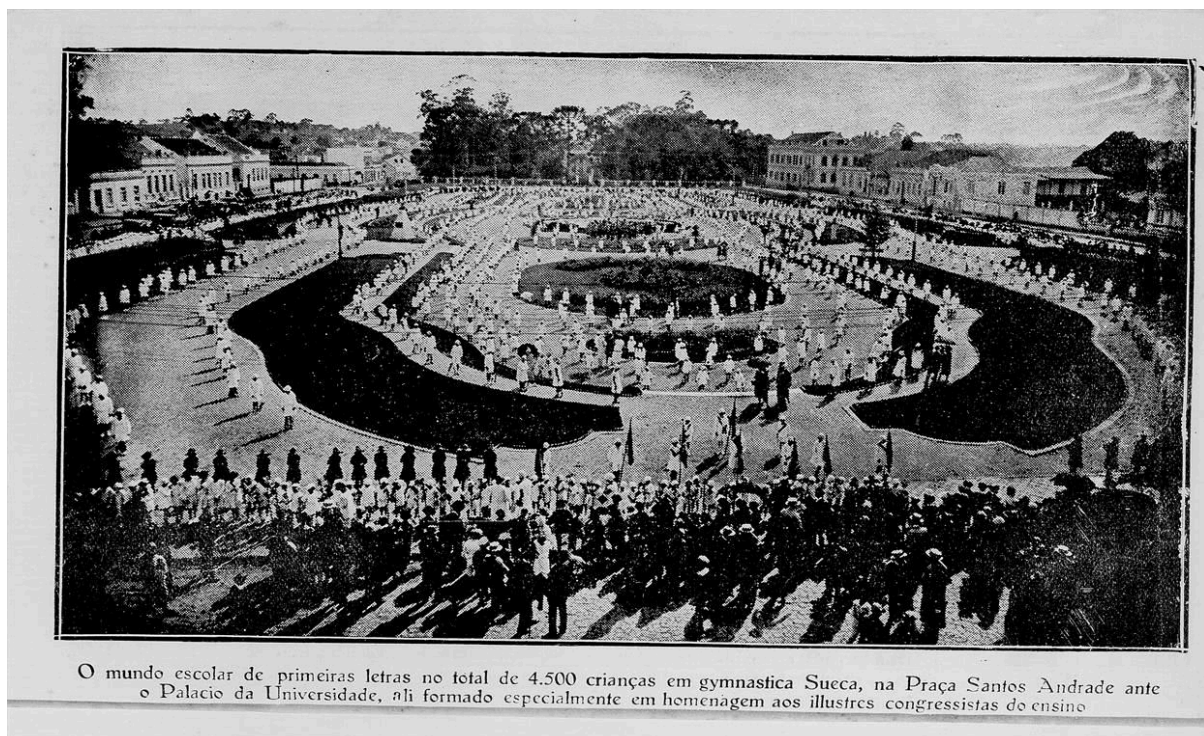
a vida não é vivida em locais, mas em caminhos ou linhas. Assim, o “modo de vida” tem que ser entendido literalmente, não como um corpo de tradição recebido, entregue de forma independente e antecipada à sua promulgação no mundo, mas como um processo criativo e improvisado de encontrar um caminho através, em um mundo de relações e processos que estão sempre se desenrolando.

Acreditando que espaço e sujeito se co-constituem em movimento, a cartografia não busca um olhar externo que se sirva do campo para colher dados para criar conceitos (*in vitro*). Pelo contrário, o

pesquisador atua performativamente, investigando de que modo sua ação cria disparadores de experiências, buscando compor mais do que um retrato ou explicação, um conjunto de proposições capazes de (re)criar encontros com elementos que emergem na pesquisa (e na paisagem).

Um levantamento bibliográfico a partir de aspectos históricos, geográficos, biológicos, políticos e simbólicos foi o nosso ponto de partida para desenvolvermos enquadramentos temáticos a partir dos seguintes elementos: *Placa em homenagem à colônia Afro-brasileira*; Monumento a Santos Dumont; Rosáceas paranistas e piso de *petit pavé*; Estátua de Ruy Barbosa; (ausência do) Pinheiro do centenário; Escadaria da UFPR; Prédio dos correios; a vegetação; as aves que habitam a praça; Linhas e desenhos planejados como o paisagismo e o urbanismo, dentre outros.

Nos servimos de jornais que datavam desde o séc. XIX, de artigos científicos, livros e de relatos encontrados em redes sociais principalmente em grupos dedicados à memória de Curitiba, além da pesquisa *in situ*. Cada um destes elementos trazia em si diversas questões disparadoras que nos interessava aprofundar como; o apagamento da história negra e as políticas de branqueamento em Curitiba, o nacionalismo, patriotismo e regionalismo forjados e expressos em símbolos diluídos na paisagem em formas de bandeiras brasileiras, mosaicos paranistas, reverberando também materiais e documentos que encontramos em registros que datam mais de um século e que também poderiam ser evidenciados nas representações de corpos como o do monumento em homenagem a Santos Dumont, ou nas fotografias antigas das práticas de ginástica sueca e marchas militares.



Fonte: Disponível em: <https://curitibaantigamenteeregiaoemfotos.blogspot.com/2013/11/curitiba.html> Acesso em 16 ago 2024.

Também nos chamou a atenção o desaparecimento de rios, vegetação e animais, dando lugar a

espaços com uso planejado e controlado, mas que deixam transbordar evidências de sistemas marginais ao modelo oficial, por exemplo, quando avistamos camas de papelão espalhadas pelos canteiros da praça, e roupas secando em arbustos. Estado e povo são representados de modo assimétrico dada a monumentalidade de prédios públicos como a Universidade Federal do Paraná e o Teatro Guaíra em relação às inúmeras janelinhas quadradas do prédio do INSS, logo ao lado. Essa diferença de escalas é muitas vezes compensada pelo volume humano em dias de manifestações políticas que historicamente ali tomam lugar. O chão da praça também representa um território de disputas, sobreposições, apagamentos e lutas, que vão desde as raízes que literalmente rompem o piso até diferentes compreensões e leituras deste chão a partir de recortes como ancestralidade, propriedade e pertencimento ou (falta de) acessibilidade. O aplainamento do chão (Lepecki, 2012) contrasta com as inúmeras rupturas que trazem relevo para um mapa que não é vazio nem neutro, mas pulsa por baixo e por cima do piso, desvelando tensões e desigualdades.

A segunda fase da pesquisa foi um processo *in loco*, para descobrir novos aspectos e entender como abordar as questões já descobertas. Que tipo de exercício ou observação seria necessária para levantar material para construir o *tour*? Como criar um mapeamento que seja ao mesmo tempo o registro de uma experiência e um convite para a experiência de outra pessoa? Que diferenças haveria entre uma proposição de pesquisa e o resultado desta mesma pesquisa como proposição poética? Como a cartografia pode se configurar como um tipo de obra que cria experiências/ paisagens ao invés de explicações ou tentativas de “retratos estáticos”? A cada novo modo de se colocar no espaço, algum tipo de percepção diferente se desvelaria, como em um diálogo no qual a resposta depende da forma como a pergunta é colocada.

Logo no primeiro encontro do projeto se estabeleceu a dinâmica de que cada participante proporia convites aos outros participantes como forma de ativação do espaço. Passamos por vários processos coletivos e gradualmente as pessoas do grupo foram delineando suas rotas. Tínhamos também clara a intenção de trazer certa dose de informação no conteúdo de nosso *tour*, mas não ao ponto de transformar a experiência em uma aula ou palestra sobre o local. Para que fosse possível gerar um engajamento mais dinâmico, optamos por equilibrar a quantidade de informações com convites à ação e à percepção de modo proporcional. Antes de haver a definição de rotas específicas passamos por vários processos coletivos, como derivas, caças ao tesouro, ou mesmo testes com público convidado, até que fossem gradualmente se delineando propostas “guiadas” por cada uma das pessoas do grupo.

O processo de criação de RE-PERCURSOS contou com as seguintes etapas; pesquisa bibliográfica, arqueologia sensível/ ativação de elementos do espaço através de proposições performativas, seleção e edição de material para o desenvolvimento de percursos temáticos, e a

composição de dramaturgias “participativas” que possibilitem uma inter/hiper/textualidade dinâmica entre som (áudio gravado) e espaço vivo. Na sequência, trazemos as particularidades de cada percurso para descrever as diferentes possibilidades de experiências propostas por RE-PERCURSOS.

Paisagem e Araucária

Os percursos *Paisagem e Araucária* foram criados por Michele Louise Schiocchet com intenção de relacionar corpo e espaço a partir das transformações no desenho do local, sugerindo a existência de uma gestualidade implícita no palimpsesto. Além desta escrita espacial mais permanente, os conceitos de malha (Ingold, 2015) e de oralitura (Martins, 2021), são considerados, trazendo a dimensão do movimento, escalas e de temporalidades a estes processos de inscrição e de atualização da paisagem. As múltiplas compreensões do termo cartografia nos convidam a aprofundar relações entre experiência e representação buscando responder à seguinte pergunta: Como uma arqueologia sensível pode recuperar as vozes silenciadas dos lugares, das páginas, mapas, superfícies e linhas e corpos? Como conhecer, re-conhecer-se, e reivertar-se coletivamente através de performances no tempo espiralar?

Partindo de documentos históricos a proposta foi conectar os fluxos e movimentos da praça sensorialmente, fundindo temporalidades na percepção do espaço. O percurso *Paisagem* parte dos enquadramentos de onde foram tiradas fotografias antigas, buscando experimentar a possibilidade de sobreposição de imagens, trazendo elementos remotos para o presente, investigando se era possível produzir sensações a partir das descrições de imagens e de estímulos sonoros em uma analogia entre corpo humano e “o corpo do espaço como organismo vivo”.

A investigação “física” da praça se centrou principalmente no processo de reestruturação que ocorreu em 1922, quando houve uma grande reforma do local em ocasião da celebração do centenário da independência, e nas relações entre desenhos traçados como diretrizes de movimento e comportamento e aqueles resultantes do uso apropriado do espaço.

A construção de corpos e comportamentos, é evidenciada ao *escavar* as superfícies urbanas, observando a relação entre documentos históricos e as estruturas materializadas no espaço. A relação entre o que se escolhe memorar e o que se escolhe apagar é um ponto central em praticamente todos os percursos, pois em uma observação mais atenta, é possível notar assimetrias na representatividade dos monumentos, a implantação de uma simbologia regional, a falta de acessibilidade e a higiene social, além da arquitetura hostil. Um dos dispositivos poéticos de conexão entre os percursos foi a citação de uma rota dentro de outra rota. Um exemplo é o *petit pavé*, que em *Perpendicular* é trazido na perspectiva de quem o constrói, quebrando as pedras e encaixando-as manualmente e em *Paisagem* faz referência à Lange de Morretes e à rosácea de pinhões como uma espécie de logomarca do paranismo.

Tratando imagem e som tanto como signo como quanto matéria, o objetivo foi re-acessar a circunstância de implantação de elementos naturalizados ou até inobservados, a fim de questionar se nossas escolhas de diretrizes ou referências para a cidade seguem sendo as ali implantadas. A ideia dos enquadramentos era pensar em filtros perceptivos ou temáticos como forma de atravessar o espaço a partir de linhas dramáticas, encontrando pontos por onde as rotas passariam, podendo ser locais que geram sensações, onde ocorreram fatos históricos, onde podemos construir ficções e locais com algum tipo de vulnerabilidades, como acessibilidade, violência etc. A principal questão era como transitar entre registros de naturezas diferentes, tratando imagem e som tanto como signo como quanto matéria, a fim de gerar sensações e não apenas informações.

Os primeiros experimentos, contudo, seguiam em um plano excessivamente narrativo. Descrições longas históricas com excesso de detalhes geravam uma dificuldade de engajamento com o participante. Justamente por conta do excesso de informações que cada experimento continha, foi necessário buscar “apoios sensoriais” para cada linha narrativa que era introduzida, levando inclusive à necessidade de estar fisicamente na praça para criar e testar sucessivas vezes tanto texto quanto as sonoridades. Esses apoios seriam objetos, coisas, ou situações que fossem possíveis de serem tocadas, observadas ou experienciadas corporalmente no momento da escuta do áudio, criando assim uma espécie de porta de entrada para os demais níveis que se pretendia alcançar na dramaturgia. A definição de que as pistas-convite se alternariam entre tipologias distintas criou uma divisão de vozes na narrativa, sendo experimentado de que modo a forma de construir o texto e o som poderia se relacionar com a recepção, por exemplo; a narrativa em primeira pessoa geraria uma identificação com o corpo do participante? Os trechos de descrição de imagens antigas seriam capazes de trazer algum elemento de visualidade remota para o espaço do presente? Nomear sensações poderia provocar sensações? Alterar ritmos na fala, produzindo alguns efeitos de paisagem sonora poderia trazer algum elemento sensorial para a percepção do espaço? Alterar a textura do som contribuiria para criar camadas de temporalidade diferentes? Em *Paisagem* este recurso de sobreposição de texturas como possibilidade de mesclar a paisagem observada/vivida com a narrada foi explorado, descrevendo imagens que misturavam o presente com elementos das fotos históricas, modificando as frequências sonoras da gravação para reproduzir as texturas sonoras da época da ação à que o áudio diz respeito.

Os estudos de enquadramento foram sendo permeados gradualmente por descrições de imagens *in loco*, buscando tanto estranhamentos como coincidências entre o que se ouve e o que se vê. Estas ações efêmeras que poderiam estar acontecendo no momento em que a pessoa ouve o áudio acentuariam a cumplicidade entre a “voz” narrativa e o ouvinte. Um fato curioso que observamos nas vezes que fizemos mediações do *tour* para grupos é que as pessoas se referiam ao áudio como “a voz”,

mesmo sendo as vozes do *tour*, as nossas vozes.

Paisagem foi a rota que resultou mais diretamente da pesquisa com os enquadramentos e fotografias antigas, e por mais que trouxesse dados gerais da praça, nos incluía dentro do quadro, como atores e criadores de paisagens e não apenas observadores.

Araucária focou na relação direta entre os organismos corpo e praça a partir de estímulos sensoriais concretamente experimentados no local. Esta rota explora a conexão entre o que é efêmero e o que se cristaliza sobre as superfícies, os arquivos impressos e os arquivos móveis que dependem de gestos e comportamentos, sendo uma espécie de memória viva do espaço. Também é foco deste percurso a relação entre os monumentos, os ritos e atos que os instauram, confirmam ou deslegitimam.

Chamar-se-á monumento tudo o que for edificado por uma comunidade de indivíduos para rememorar ou fazer que outras gerações de pessoas rememorem acontecimentos, sacrifícios, ritos ou crenças. A especificidade do monumento deve-se precisamente ao seu modo de atuação sobre a memória. Não apenas ele a trabalha e a mobiliza pela mediação da afetividade, de forma que lembre o passado fazendo-o vibrar como se fosse presente. Mas esse passado invocado, convocado, de forma encatado, não é um passado qualquer: ele é localizado e selecionado para fins vitais, na medida em que pode, de forma direta, contribuir para manter e preservar a identidade de uma comunidade étnica ou religiosa, nacional, tribal ou familiar. Para aqueles que edificam, assim como para os destinatários das lembranças que veiculam, o monumento é uma defesa contra o traumatismo da existência, um dispositivo de segurança. [...] Desafio à entropia, à ação dissolvente que o tempo exerce sobre todas as coisas naturais e artificiais, ele tenta combater a angústia da morte e do aniquilamento. (Choay, 2006, p. 18).

O nome Araucária se refere à ambiguidade da presença desta árvore na praça, explorando principalmente a trajetória da araucária do centenário, que havia sido plantada pelo então presidente do Estado Caetano Munhoz da Rocha, e que em 25 de janeiro de 2004 caiu ocasionando o falecimento de um casal. Embora seja possível encontrar *online* o processo judicial das famílias contra a prefeitura, não há nenhum monumento nem resquícios dessa história no espaço da praça, além de que a placa que indicava o local da árvore-monumento foi retirada.

A tensão das raízes que lutam contra o pavimento vai tecendo uma analogia com a relação da vida que pulsa por debaixo do concreto, evocando camadas de gerações anteriores, e apontando para assimetrias e para a emergência de disputas que pairam sobre e sob aquele solo, decorado com mosaicos paranistas e sistematicamente higienizado, sendo retiradas diariamente as ervas que nascem das frestas entre as pedras. Que simbologias do espaço produzem que noções de pertencimento? Qual a temporalidade dos monumentos e quem de fato é testemunha da história: os humanos, as araucárias, os monumentos?

São abordadas também relações entre arquitetura e contra-arquitetura, gambiarras feitas para utilizar tomadas, o uso do chafariz para lavar a roupa e escovar os dentes, as menções ao circo da constituinte e às diversas manifestações políticas que historicamente partem da frente da escadaria da universidade. Araucária resultou em uma rota fundamentalmente atrelada ao movimento do corpo e à experiência física do espaço, enquanto que *Paisagem* se estruturou de modo inverso, para viabilizar a

possibilidade de que a rota pudesse ser feita em dias de chuva.

Quedas



Fonte: Acervo de [Paulo José da Costa](#)⁵.

O percurso *Quedas* segue uma linha reta desde o prédio da UFPR até o outro lado da praça, onde está a estátua de Santos Dumont. Esse percurso foi criado por Giorgio Gislou a partir da relação estabelecida por Schiocchet entre as fotos do Zeppelin Hindenburg sobrevoando a Praça Santos Andrade e o monumento ao aviador Santos Dumont que existe na praça. O entrelaçamento entre as duas referências a partir da temática do nacionalismo foi um meio de relacionar a percepção das bandeiras do Brasil colocadas nas janelas e sacadas dos prédios em torno da praça e a constituição histórica deste espaço público.

⁵ Disponível em: <https://paulodafigaro.blogspot.com/2014/11/> Acesso em: 16 ago 2024.



Praça Santos Andrade em 1938, durante festejos de comemoração do Dia da Pátria.
Foto: João Batista Groff⁶.

Benedict Anderson (2008) aponta que o nacionalismo é uma invenção dos Estados-nação modernos, forjada a partir dos interesses políticos da burguesia de instituir a ideia de um povo único num domínio territorial. Assim, dentro da concepção nacionalista há uma unidade idealizada que apaga as desigualdades decorrentes das divisões em classe gênero e raça.

Na dramaturgia de *Quedas* a temática do nacionalismo surge aos poucos. São feitos convites para olhar o céu e perceber pássaros, e depois para uma desnaturalização do olhar observando detalhes do Monumento a Santos Dumont. O áudio questiona, por exemplo, porque o monumento, criado por Iolando Malozzi, retrata um aviador musculoso que ostenta uma hélice em forma de brasão. Indaga se essa foi uma tentativa de tornar Dumont um herói nacional militar, atlético e viril, o que contraria a fisionomia e as posições políticas do aviador, um pacifista que sofria pelo fato de sua invenção estar sendo utilizada em guerras.

Também foram estabelecidas relações dramatúrgicas entre as tragédias do incêndio do dirigível Hindenburg, que trazia suásticas estampadas no casco, o momento em que Santos Dumont tirou a própria vida e as referências ao mito grego de Ícaro, frequentemente associadas ao aviador brasileiro.

Desse modo, a dramaturgia do percurso convida a estranhar elementos que não são cotidianamente percebidos como fascistas, e vincula o autoritarismo do passado, marcado no estilo do

⁶ Disponível em: <https://curitibaeparanaemfotosantigas.blogspot.com/> Acesso em: 16 ago. 2024.

Monumento a Santos Dumont, com o autoritarismo recente que está marcado pela presença das bandeiras nacionais nos entornos da praça.

Vértebra

Vértebra, criado por Paloma Bianchi, discute a mudança nas formas de vida que habitam a praça nos últimos séculos, principalmente a partir do início da ocupação humana, tendo como protagonistas as aves que atualmente vivem na região. Como na maioria das praças brasileiras, na Santos Andrade há tanto uma desproporcionalidade entre pombos e outras aves, quanto pouca diversidade de espécies de aves. Pombos não são nativos do Brasil, no entanto, vêm ocupando o território nacional há séculos, como um dos inúmeros efeitos da colonização europeia.

A necessidade de conhecer mais sobre as aves que habitam a Santos Andrade, bem como entender as transformações na ocupação das aves no centro da cidade ao longo do tempo, exigiu uma pesquisa bibliográfica com foco na zoologia e na ecologia urbana. A leitura das pesquisas do zoólogo Rafael de Amorin (2015; 2019), que investiga os efeitos da urbanização na distribuição avifauna em Curitiba e do livro *Aves de Curitiba* (STRAUBE et al., 2014), propiciou a compreensão de que as aves que habitam hoje a praça são diferentes das que a habitavam antes do desenvolvimento urbano, *i.e.*, o processo do Antropoceno/Capitaloceno produziu efeitos radicais na paisagem e na distribuição das aves. Hoje, na região central, há apenas espécies de aves que se alimentam de forma diversificada, usam cavidades de árvores ou de edifícios para fazer seus ninhos e têm facilidade de convívio com humanos (AMORIN, 2019), como é o caso do João-de-Barro, o Sabiá, o Pardal e a Rolinha, além de espécies de pombos. Centenas de espécies que tinham modos de vida diferentes desses, migraram para outras regiões, algumas delas podem ser consideradas extintas, outras em risco grave de extinção.

A dramaturgia de *Vértebra* se desdobra por acumulações para que cada novo convite venha contextualizado por aquele que o precedeu. *Vértebra* primeiramente faz uma descrição geográfica da região, detalhando os aspectos da paisagem escondidos debaixo da pavimentação urbana. Depois traz uma anedota sobre a visita do engenheiro inglês Thomas Bigg-Wither a Curitiba em meados de 1800, para analisar a possibilidade da construção de uma linha férrea entre os oceanos Atlântico e Pacífico, com vistas a facilitar o transporte de recursos extraídos do Brasil. Nessa anedota Bigg-Wither tenta caçar aves com sua espingarda e acaba atolado na lama até a região torácica. Nesse momento começa-se a aviltar a possibilidade da ação micropolítica por parte dos não-humanos (Rolnik, 2018), convidando a quem ouve o percurso a perceber que há uma vontade política da lama em soterrar a quem tenta expropriar suas terras e exterminar seus habitantes.

A busca por retirar o humano da centralidade também perpassa um trecho de *Vértebra* em que há um convite para a criação de uma relação mais íntima com alguma ave. A proposta era mobilizar percepções mais simétricas entre pessoa e ave, no intuito de destituir provisoriamente as lógicas antropocêntricas que hierarquizam espécies e situam a humanidade no ápice evolutivo. Ela também mirava na tentativa do reconhecimento da ave como sujeito (Viveiros de Castro, 2015; Haraway, 2016; De la Cadena, 2018).

Vértebra traz à vida as aves que já não habitam esse lugar devido à expropriação e a transformação de

seu território pela ação humana. No áudio estão os cantos das espécies desaparecidas para materializar suas presenças ausentes. A estratégia emula o que o povo Maxakali faz no Vale do Mucuri, área que foi parcialmente devastada pela exploração de minério e pedras preciosas, a pecuária e a agricultura. Os Maxakali seguem invocando diariamente a presença dos animais e plantas que existiam antes da devastação para recriar e animar seu mundo, para que esses animais e plantas sigam existindo (Bianchi, 2021). Em *Vértebra* há a tentativa de recriar realidades, assim como fazem os Maxakali.

Perpendicular

O percurso *Perpendicular* foi disparado pelo encontro com uma placa em homenagem à Colônia Afro-brasileira de Curitiba que homenageia 68 personalidades negras, sem busto, sem contextualização e, em alguns casos, sem a ciência das próprias pessoas homenageadas. Criado por Bruna Silva, Milene Duenha e Rafael Neves, o percurso expõe a invisibilização da presença de pessoas negras no traçar da história e convida à invenção de outra história diante dos vãos que essas ausências provocam nos modos de habitar a cidade.

Durante o processo de mapeamento realizamos trocas propositivas como busca de subsídios para a criação. Entre as proposições nos deparamos com elementos que revelavam contradições e desproporções. Essas percepções aliadas a pesquisas sobre a história da região nos impulsionaram a discutir as questões sociopolíticas cada vez mais evidenciadas ao longo de nossa permanência na praça. Na produção de *Perpendicular* investimos em pistas que diziam dessas discrepâncias. Por exemplo, encontramos vários bustos em homenagem a figuras masculinas e apenas duas em homenagem a figuras femininas. A placa de bronze encontrada em um dos cantos da praça trazia a informação de que se tratava de uma homenagem à Colônia Afro-Brasileira de Curitiba e foi instalada por ocasião das comemorações do centenário da abolição da escravatura nomeando como colonizadores as pessoas negras que não participaram do processo de colonização, mas que, ao contrário, tiveram seus antepassados subjugados por esse processo. Ali eram destacados os nomes de personalidades curitubanas de ascendência africana que contribuíram para o desenvolvimento do estado nos últimos cem anos.

Passamos, então, a fazer um mergulho nas histórias que a placa evocava. A partir da leitura de *Para além da placa* (2020); e *Os Nomes da Placa* (2021), organizados por Ana Vanali, Andrea Kominek e Celso de Oliveira, tivemos acesso a informações sobre as pessoas que tinham seus nomes ali expostos e sobre um pitoresco evento de inauguração da placa em 1988, para o qual muitas pessoas homenageadas não foram convidadas (Vanali; Kominek; Oliveira, 2021). Dentre as pessoas homenageadas, 52 são homens e 16 mulheres. Há personalidades reconhecidas nacionalmente e há outras das quais pouco se ouviu falar. Dentre os nomes figuram os engenheiros Antônio e André Rebouças; a militante Iyágunã Dalzira; a delegada Tereza Ermelino dos Santos; a atriz Odelaire

Rodrigues; a indígena caigangue ativista por moradia Marina Andrade de Souza; e a engenheira Enedina Alves Marques. Essas personalidades ali destacadas tinham atuação de relevo em questões sociais e de desenvolvimento cultural.

A invisibilização proposital da presença dos corpos negros em Curitiba ficava cada vez mais evidente ao longo do processo, inclusive no acesso aos escritos sobre a história da cidade que se orgulha da colonização e imigração europeia. Curitiba é a capital mais negra do sul do Brasil. Segundo o censo de 2022 (IBGE, 2022) dentre as 1.773.718 pessoas habitantes da cidade, 427.782 se declaram como negras ou pardas. Curitiba é também uma das cidades mais desiguais do mundo, como afirma Glaucia Pereira do Nascimento (2021) ao expor dados do 5º Fórum Mundial da Organização das Nações Unidas em sua discussão sobre processos de segregação espacial de base racial que se explicita no planejamento urbano da cidade. O racismo é evidente em diversas situações e os modos de ocupação dos espaços centrais da cidade também nos confirma essa realidade. Nascimento (2020) afirma que o apagamento da existência da população negra na cidade e a segregação racial territorial é histórica.

Diante de tantas evidências, decidimos investir na sobreposição às configurações dadas. Além da revelação de uma parte da história não contada sobre os nomes da placa, ficcionalizamos aspectos dessa história como a descrição de um glamouroso evento de inauguração e a ocupação do espaço por outras vozes e sons em referência à cultura afro-brasileira. Também investimos em uma poética que busca produzir no imaginário um traçado perpendicular que corta a história de apagamento das presenças negras na cidade e propõe outros ângulos da história. Assim, narramos imagens com a ideia de traçar no instante presente a referência afrofuturista. Destacamos nomes de mulheres, incluímos nomes de pessoas negras que não figuravam na placa e fizemos com que a experiência fosse atravessada por uma sonorização que recria o ambiente da praça, povoando-a com a presença negra e aspectos da cultura afro-brasileira.

Considerações

A tecitura desta pesquisa/performance/*audiotour* que nos viabilizou a criação de tantos percursos em um espaço tão pequeno como uma praça, apontou para a complexidade da construção do tecido social nos convocando a uma produção eticamente responsável diante das condições sociopolíticas e ambientais em que vivemos. Provocar a percepção sensível, não operar de modo panfletário e nem como encantadores de turistas (Gislon; Schiocchet, 2020) foram desafios permanentes. Os encontros semanais com as questões emergentes na/da praça Santos Andrade nos convidavam a habitá-la e acioná-la como uma entidade viva que move corpos e versões da história no percorrer de suas nuances. Nossas proposições-convites emergem, então, como um mergulho poético-político na cidade, buscam criar paisagem e lançar ao público a possibilidade deste se implicar

na produção de outras realidades. Imaginá-las e perceber-se nelas foram gestos nos quais apostamos.

A dinâmica das cidades pode ser pensada a partir da relação entre (im)pressões e performances, de modo a que este tecido seja constantemente percebido, praticado e atualizado ao longo das gerações que se sucedem sobre um mesmo território. A relação de um rastro, signo ou marca com as circunstâncias de sua inscrição e ou com os gestos e movimentos que possam vir a gerar ou sugerir raramente é consciente. Visto que também somos feitos a partir de muitas destas inscrições, raramente as concebemos como construções sociais, e acabamos percebendo-as como se fossem naturais. Leda Maria Martins utiliza o termo palimpsesto, mas com referência a inscrições imateriais/ encorpadas, para articular seu conceito de oralitura. Por vias da performance corporal, a memória seletiva do conhecimento prévio é instituída e mantida nos âmbitos social e cultural.

A esses gestos, a essas inscrições e palimpsestos performáticos, grafados pelo corpo e seus vozeados, denominei de oralitura. [...] todo traço de memória, seja ele inscrito como letra, como voz, gesto, corpo, grafa-se na constituição dos sujeitos como repertórios de conhecimento, como inscrição, grafias alternas do conhecimento. [...] Conceitual e metodologicamente, oralitura designa a complexa textura das performances orais e corporais, seu funcionamento, os processos, procedimentos, meios e sistemas de inscrição dos saberes fundados e fundantes das epistemes corporais destacando neles o trânsito da memória, da história, das cosmovisões que pelas corporiedades se processam. E alude também à grafia desses saberes, como inscrições performáticas e rasura da dicotomia entre oralidade e escrita (Martins, 2021, p. 41).

Essa inscrição se associa ao movimento/ performance e não à sedimentação de uma linha sobre uma superfície. Ela se relaciona com uma dimensão que é ancestral, mas que também se atualiza em movimento. Martins (2024) menciona a “construção de apagamentos” dos processos coloniais, perceptíveis no branqueamento forjado nos monumentos e artefatos culturais e na segregação social que periferiza o não branco. Além do que se escolhe preservar, também se escolhe o que apagar, como ocorria nos pergaminhos⁷.

Mas quem decide o que tem relevância cultural? Que textos foram ou são considerados sem relevância ou inconvenientes e passíveis de ser apagados dos palimpsestos? Como os resquícios de inscrições antigas podem interagir inter ou hiper-textualmente com as novas inscrições que são feitas sobre esta superfície? Que práticas imateriais se inscrevem no espaço tempo através do corpo em movimento/ performance? De que forma nossa passagem pelo espaço tempo é capaz de redesenhá-lo?

Buscamos investigar que diretrizes de movimento e que ações estão latentes, de que modo nos constituímos a partir destas referências prévias e também como costuramos constantemente novas linhas neste palimpsesto. A criação de mapas ou pistas-convites se fundamenta na relação entre escrita/desenho/cartografia/performance, não se limitando a um aspecto representacional da paisagem, mas buscando expandir o palimpsesto urbano de modo a trazer temporalidades, gestos, e percepções

⁷ Em referência à origem do termo palimpsesto.

sensíveis ao projeto de escrita do espaço.

Referências

- AMORIN, Rafael Rufino. **Influência da urbanização em diferentes níveis de organização biológica de aves neotropicais**, 2019. Tese (Doutorado em Ciências Biológicas). Área de concentração: Zoologia - Universidade Federal do Paraná, Curitiba.
- AMORIN, Rafael Rufino. **Urbanização como fator de distribuição da avifauna em Curitiba, Paraná, Brasil**, 2015. Dissertação (Mestrado em Ciências Biológicas). Área de concentração: Zoologia - Universidade Federal do Paraná, Curitiba.
- ANDERSON, Benedict. **Comunidades imaginadas**. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.
- BENITES, Luiz Felipe Rocha. A Antropologia imersa na vida: Apresentação à tradução do editorial de Tim Ingold. **Revista Antropolítica**. 2016, Vol. n. 40, pp. p.307-314.
- BIANCHI, Paloma. **Da impotência ao impossível: a arte de enfeitiçar a realidade**, 2021. Tese (Doutorado em Teatro). Área de concentração: Artes Cênicas - Programa de Pós-Graduação em Teatro, Universidade do Estado de Santa Catarina, Florianópolis.
- CHOAY, Françoise. **A alegoria do patrimônio**. São Paulo: Editora UNESP, 2006.
- DE LA CADENA, Marisol. Natureza incomum: histórias do antrope-cego. **Revista do Instituto de Estudos Brasileiros**, São Paulo, n. 69, p. 95–117, 2018. DOI: <http://dx.doi.org/10.11606/issn.2316-901X.v0i69p95-117>. Acesso em: 30 jan. 2020.
- GISLON, Giorgio Zimann. SCHIOCCHET, Michele Louise. O estranhamento do turismo controlado: no áudio tour Remote Buenos Aires do Rimini Protokoll. DOI: 10.5965/14145731023820200013 **Urdimento**, Florianópolis, v. 2, n. 38, p. 1–28, 2020.
- HARAWAY, Donna. **Staying with the Trouble: Making Kin in the Chthulucene**. Durham: Duke University Press, 2016.
- INGOLD, Tim. Trazendo as coisas de volta à vida: emaranhados criativos num mundo de materiais. **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, n. ano 18, n. 37, jan./jun. 2012. p. 25-44.
- INGOLD, Tim. **Making: anthropology, archaeology, art and architecture**. London: Routledge, 2013.
- INGOLD, T. **Estar vivo: Ensaio sobre movimento, conhecimento e descrição**. 1. ed. Petropolis: Editora Vozes, 2015. 392 p.
- IBGE - INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA.. **Censo 2022 - Panorama - Indicadores**. Disponível em: <https://censo2022.ibge.gov.br/panorama/indicadores.html?localidade=BR> Acesso em: 14/ ago. 2024.
- LEPECKI, André. Coreopolítica e coreopolícia. **ILHA Revista de Antropologia**, Vol. 13, N. 1, 2. Florianópolis, 2012. DOI: 10.5007/2175-8034.2011v13n1-2p41. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/ilha/article/view/2175-8034.2011v13n1-2p41/23932> Acesso em: 14 ago. 2024.

MARTINS, L. M. Performances do tempo espiralar: poéticas do corpo-tela. Rio de Janeiro: Cobogó, 2021.

NASCIMENTO, Glaucia Pereira do. Introdução e A Luta Negra na Cidade de Curitiba: Construção Histórica de uma Relação Social e Espacial Conflituosa. In: **Territorialidades Negras em Curitiba-PR**: Ressignificando uma Cidade que não quer ser Negra. Dissertação de Mestrado - Programa de Pós-graduação em Geografia, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2020, p. 18 - 47.

NASCIMENTO, Glaucia Pereira do. A racialização do espaço urbano da cidade de Curitiba - PR. **Geografia Ensino & Pesquisa**, Santa Maria, v.25, e 24, p. 1-32, 2021. DOI 10.5902/2236499446911. Disponível em: <https://doi.org/10.5902/2236499446911>. Acesso em: 05 ago. 2024.

PASSOS, Eduardo; KASTRUP, Virgínia; ESCÓSSIA, Liliana da (Orgs). **Pistas do método da cartografia**: pesquisa-intervenção e produção de subjetividade. Porto Alegre: Sulina, 2014.

ROLNIK, Suely. **Esferas da insurreição**: notas para uma vida não cafetinada. São Paulo: n-1 edições, 2018.

SANTOS, Mayara Regina Araujo dos. **Práticas alimentares e soberania alimentar em Terra Indígena Xavante**: desafios e perspectivas. Piracicaba : Dissertação (Mestrado) Universidade de São Paulo, 2022. DOI: <https://doi.org/10.11606/D.91.2022.tde-10022023-122723>. Disponível em: <https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/91/91131/tde-10022023-122723/> Acesso em 16 ago. 2024.

STRAUBE, Fernando C. et al. **Aves de Curitiba**: coletânea de registros. Curitiba: Hori Consultoria Ambiental, 2014.

VANALI, Ana Christina; KOMINEK , Andrea Maila Voss; OLIVEIRA, Celso Fernando Claro de (Org). **Os Nomes da Placa**: A História e as histórias do monumento à Colônia Afro-brasileira de Curitiba. 1ª ed., Sesc PR, Curitiba, 2021.

VANALI, Ana Christina; **Para além da placa**: outras histórias da negritude em Curitiba. Porto Alegre, RS: Editora Fi, 2020.

VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo. **Metafísicas Canibais**: elementos para uma antropologia pós-estrutural. São Paulo: Cosac Naify, 2015.